

Universidade, Cidade, Cidadania

University, City, Citizenship

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Universidade, Cidade, Cidadania.**

Org.: Valter José Maria Filho. São Paulo: Hedra, 2014.

Francisca Mônica Lima

Mestranda em Educação na Universidade Nove de Julho (São Paulo).

Email: franciscamoni@yahoo.com.br

Submetido em 02/08/2015

Aceito em 26/02/2016

RESENHA

RESUMO

O livro *Universidade, Cidade, Cidadania* reúne cinco textos críticos, que tratam da constituição da universidade e tecem um fio condutor que passa pelo liberalismo, assim como pela formação e o desenvolvimento das instituições universitárias. É dada ênfase à fundação da Universidade de São Paulo (USP), à anulação da subjetividade do sujeito, no contexto atual, refletindo a perda das referências éticas, e ao futuro da universidade num processo de modernização. A partir disso, o espaço da cidade constrói-se no desenvolvimento da cidadania, com a proposta de um posicionamento crítico perante a composição da universidade em todas as épocas.

PALAVRAS-CHAVE: Liberalismo; Modernização; Sujeito

ABSTRACT

The book *University, City, Citizenship* is a collection of five critical texts which deal with the constitution of the University. It weaves a common thread that goes through liberalism and the creation and development of the university as an institution. The book emphasizes the foundation of the University of São Paulo (USP); the annulment of subjectivity in the individuals nowadays, which reflects in the loosening of ethical references; and the future of the university in the modernization process. From this point of view, the urban space is seen as being built within the development of citizenship and the critical perspective brought by the composition of the university at all times.

KEYWORDS: Liberalism; Modernization; Subject

O novo livro do filósofo e professor titular de História da Filosofia Contemporânea da Universidade de São Paulo, Franklin Leopoldo e Silva, reúne cinco textos críticos que apontam para uma reflexão acerca da construção da universidade nos contextos histórico, político, social, econômico e cultural brasileiros. Não por acaso, em sua trajetória acadêmica, há muito, o autor dedica-se ao estudo de filósofos como Descartes, Bergson e Sartre, que influenciam sobremaneira sua análise sobre essa instituição.

No texto *A experiência universitária entre dois liberalismos*, o autor conduz o leitor a um raciocínio sobre o que considera *dois liberalismos*, com base em duas concepções de modernização: a universidade como um instrumento de formação das elites dirigentes que deveriam colocar o Brasil na modernidade política; e como um palco para a tecnocracia, encerrando qualquer tipo de projeto emancipatório. Para isso, analisa as contradições que estão no bojo da fundação, da formação e do desenvolvimento de instituições universitárias, com ênfase na fundação da Universidade de São Paulo (USP). Esta análise perpassa o período pós-revolução de 1932, o Governo de Getúlio Vargas e o Estado Novo, com destaque para a atuação da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) e da consultoria de Rudolph P. Atcon, que visavam ao atendimento das necessidades imediatas de desenvolvimento por meio de mudanças estruturais que não privilegiavam o pensamento crítico.

Nesse contexto, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP assumiu, segundo o autor, uma posição contrária ao projeto de fundação desta universidade, encontrando oposição e resistência, pois manteve sua postura crítica e contestadora. Ao longo do texto, os desdobramentos do autoritarismo são elucidados nos contextos histórico, político, social e econômico: na ditadura militar, a universidade fez parceria com a repressão; na Nova República, apoiou-se na competência que desqualificava a diferença; e na tecnoburocracia neoliberal, suprimiu e está suprimindo as instâncias críticas de pluralismo.

A anulação da subjetividade do sujeito é tratada no texto *A perda da experiência da formação na universidade contemporânea*, que traz uma reflexão sobre a época atual, em que o autor identifica a perda de referências e substância éticas, bem como a dissolução da consciência e da verdade. Assim, ocorreria um processo de adaptação que encontra, na educação crítica, a capacidade de subverter padrões adaptativos impostos pela desagregação histórica. Desta forma, constrói-se um sujeito histórico capaz de compreender que a história não se constitui de *dados históricos*, mas da experiência humana que foi construída no interior dela.

No entanto, Franklin Leopoldo e Silva lembra que uma sociedade voltada para o mercado leva o sujeito a aceitar a educação como um *produto*. Nesse sentido, o produto educacional universitário é mais um mecanismo para que o sujeito se adapte ao presente histórico e não perceba o desequilíbrio gerado pela imposição do modelo privatista, voltado para os resultados imediatos, e do princípio democrático de convivência entre o público e o privado. Existiria, aí, uma ameaça à universidade pública materializada pela anulação das condições

acadêmicas para o exercício do pensamento crítico.

O autor descreve um perfil da universidade, especialmente da USP, no texto *A universidade em tempos de conciliação autoritária*, baseando-se em aspectos históricos e estruturais dessa instituição. Ele relaciona o contexto social e político da USP ao processo de recalque das contradições e de engajamento da universidade como instituição política atuante no espaço público.

A USP, em sua origem, era uma *escola superior brasileira*, constituída como uma *escola de elites*. No entanto, as transformações históricas exigiam da universidade uma adequação à modernidade em oposição ao perfil oligárquico, isto é, contrapunham a velha escola superior à nova ideia de universidade, sendo, para tanto, fundamental a formação de uma elite intelectual capaz de formular projetos adaptados à modernidade.

A luta pela inserção histórica adaptou a USP ao processo de redemocratização do país, quando surgiu a necessidade de ajustar-se às novas exigências de gerenciamento tecnológico e mercadológico do ensino e da pesquisa. Desta forma, conferiu-se à instituição uma estrutura funcional capaz de absorver as diretrizes tecnocráticas que tornavam-se hegemônicas na sociedade por valorizarem o preceito liberal de competitividade e a hierarquia meritocrática como estratégia das exclusões.

O autor traça uma linha histórica que passa pela Igreja e pelo Estado, auxiliando no entendimento dos vínculos entre universidade e cidade. É assim que o texto *Universidade, cidade, cidadania* mostra as tensões e contradições que explicam o passado, para chegar à universidade atual, apontando tanto para sua inserção no mercado quanto para o estímulo à rejeição social da universidade pública, abrindo, assim, caminhos para o modelo privado.

Para a eficiência deste projeto, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, núcleo formador e integrador da USP, foi deslocada da cidade (rua Maria Antonia) para a *cidade universitária*, lugar cujo parâmetro principal é a dissolução do espaço público e desinstitucionalização da própria universidade. Tal ação estava pautada no desaparecimento da identidade coletiva do indivíduo-cidadão para ser apenas *habitante* da cidade. É neste clima que a cidadania torna-se abstrata e a competitividade ganha força, nos diversos espaços, mas especialmente, dentro da universidade.

As características do tempo presente que vão definir o futuro são discutidas, finalmente, no texto *O futuro da universidade*. Para o autor, a universidade tem, no processo de modernização pelo qual está passando, um projeto de futuro que supera a “universidade do passado”. No entanto, a instituição é um produto histórico que acompanha todas as épocas, superando-as por meio de seu próprio desenvolvimento histórico; sendo assim, a desqualificação do passado apaga as ações de emancipação e autonomia, além de construir ideias de arcaísmo, nostalgia ou retrocesso.

A relação entre o indivíduo e a comunidade acadêmica está sendo substituída por compromissos formais e ligações contratuais que visam destruir o sentido comunitário da experiência acadêmica. Assim, existe uma produção simbólica assimilada à produção de bens e serviços, demarcando o lugar e a significação do trabalho intelectual que se estende à produção de *coisas* ou, mais precisamente, de *produtos* avaliados economicamente. No passo da contemporaneidade, não se aceitariam mediações reflexivas no trabalho universitário, pois retardariam a produção cultural entendida como produção de bens e serviços e, ainda, não se considera a *experiência do trabalho*, mas a *operação e seus resultados*, produzindo uma *universidade operacional* que concebe o conhecimento não como um fim, mas como um meio de inserção no mercado.

A experiência ativa da contestação – autonomia, liberdade, igualdade – é, assim, retraduzida para perder o caráter crítico e facilitar a reprodução do caráter dominante da racionalidade tecnológica, que coloca a educação a seu serviço. Na universidade, isso ocorre pela ausência de uma *crítica da experiência*, em que o estudante não é habilitado a compreender a sociedade e a cultura como um todo na continuidade histórica, mas a compreender e avaliar as relações e possibilidades estabelecidas somente em *referência* às relações e possibilidades estabelecidas. Desta forma, *opera-se* sobre a realidade sem *agir* sobre ela. É assim que o futuro pode se sobrepor ao presente, medindo um pelo outro e situando-nos, indiferentemente, em um ou em outro ponto do mesmo lugar.

A “crítica da experiência” e o distanciamento do presente são importantes para o resgate das “possibilidades e promessas” perdidas ao longo da história. A ação cultural e política impulsionada pela memória pode criar condições para opor-se ao estabelecido. Porém, a liberdade vai sendo mais ajustada aos padrões de eficiência e produtividade organizada, configurando um processo de incorporação da subjetividade ao sistema.

O debate suscitado pelos textos de Franklin Leopoldo e Silva sobre a universidade inserida na cidade para o desenvolvimento da cidadania coloca-nos frente a frente com o embate acerca do posicionamento crítico e da modernidade, auxiliando na reflexão de projetos humanos para a construção da universidade em todas as épocas.

Referências bibliográficas

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Universidade, Cidade, Cidadania**. Org.: Valter José Maria Filho. São Paulo: Hedra, 2014.